Pat de Silver Bush

LUCY MAUD MONTGOMERY

Pat de Silver Bush

Tradução: Thalita Uba

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês
Pat of Silver Bush

Texto
Lucy Maud Montgomery

Tradução
Thalita Uba

Preparação
Adriane Gozzo

Revisão
Karine Ribeiro

Produção editorial
Ciranda Cultural

Diagramação
Fernando Laino | Linea Editora

Design de capa
Ciranda Cultural

Imagens
John Rawsterne/shutterstock.com;
Pavel K/shutterstock.com;
greenga/shutterstock.com;
Ardea-studio/shutterstock.com;
alaver/shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

M787p Montgomery, Lucy Maud

Pat de Silver Bush / Lucy Maud Montgomery ; traduzido por Thalita Uba. - Jandira, SP : Principis, 2021.
368 p. ; 15,5cm x 22,6cm. – (Clássicos da literatura mundial ; v.1)

Tradução de: Pat of Silver Bush
ISBN: 978-65-5552-249-5

1. Literatura infantojuvenil. 2. Literatura canadense. 3. Romance. I. Uba, Thalita. II. Título.

CDD 028.5
2021-13 CDU 82-93

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:
1.Literatura infantojuvenil 028.5
2.Literatura infantojuvenil 82-93

1ª edição em 2021
www.cirandacultural.com.br
Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Sumário

Apresentando Pat 7
Apresentando Silver Bush 16
A respeito de canteiros de salsinha 25
A criança de domingo 34
"Que há num simples nome?" 46
Casamento a que custo? 51
Lá vem a noiva 64
Consequências 70
Passar o dia 77
Uma donzela desamparada 87
O almoço está na mesa 94
Magia negra 106
Bons modos 119
A sombra do medo 131
Elizabeth surge 138
O resgate de Pimenta 148
Judy se enfeza 160
Sob uma nuvem 168
"Sou tão feia assim, Judy?" 181
Praias de romance 193

O que Judy acharia disso? 204
Três filhas da mesma raça 221
Sol de mentira 233
Cinzas às cinzas 244
O caminho dele está no mar 250
Cavalheiro Tom senta-se na escada 262
Glamour da juventude 271
Equilibrados como eu e você 280
Magia de abril 291
É preciso padecer 297
Fragrância perdida 304
Exílio 308
Tola de amor 314
"Vamos fingir" 323
Sombra e sol 328
Alento em Gileade 339
O casamento de Winnie 348
Riso e lágrimas 356
A senhora de Silver Bush 361

Apresentando Pat

1

– Ora, ora, achu[1] qui logo vou pricisá colhê a salsinha nu canteiru – disse Judy Plum enquanto começava a cortar em tiras, para serem "bordadas", o crepe vermelho do vestido de Winnie.

Estava muito contente consigo mesma por ter conseguido convencer a senhora Gardiner a lhe dar o vestido. A senhora Gardiner achava que talvez Winnie pudesse usá-lo por mais um verão. Vestidos de crepe vermelho não nasciam em canteiros de salsinha, afinal de contas. Mas Judy estava de olho naquela peça. Era da cor perfeita para as pétalas internas das rosas

[1] Judy Plum é uma personagem irlandesa que tem como uma das características mais marcantes o sotaque muito forte e bem coloquial. A autora J. M. Montgomery transpõe essa característica para o texto, escrevendo da forma como a personagem falaria, tornando o texto escrito diferente, intrigante e, por vezes, até desconfortável de ler. Na tentativa de aproximar o leitor brasileiro dessa experiência pretendida pela autora, transpusemos essa marca das falas de Judy Plum para a tradução em português, aproximando-as de um linguajar bem popular, espontâneo e informal. (N.T.)

robustas e "crescidas" no belo novo tapete que ela estava bordando para tia Hazel… Um tapete com "rolinhos" dourados nas bordas e, no centro, ramalhetes de rosas vermelhas e roxas, tão bonitas quanto qualquer rosa brotada em uma roseira de verdade.

Judy Plum "fizera seu nome", como ela mesma dizia, na arte de bordar tapetes e estava decidida a tornar esse uma obra-prima. Seria um presente de casamento para tia Hazel, se a jovem realmente se casasse naquele verão, como, na opinião de Judy, já estava mais que na hora, depois de tanto selecionar e escolher.

Pat, que estava bastante interessada no progresso do tapete, não sabia de nada além do fato de que era para tia Hazel. Além disso, havia outro evento iminente em Silver Bush que ela desconhecia, e Judy pensava que já estava mais que na hora de alertar a garota. Quando se é o "bebê" da família por quase sete anos, como se vai encarar um substituto? Judy, que amava todos em Silver Bush de forma comedida, amava Pat sem medida e estava preocupadíssima com essa questão. Pat sempre fora de levar as coisas um pouco a sério demais. Como Judy dizia, ela "amava demais". Que cena causara naquela mesma manhã, porque Judy queria usar seu suéter roxo para fazer as rosas. Estava pequeno demais para ela e tinha mais buracos que um queijo suíço, para falar a verdade, mas Pat não queria saber de abrir mão dele. Adorava o velho suéter e queria usá-lo por mais um ano. Lutou com tanto ardor que Judy, é claro, cedeu. Pat sempre fora assim com suas roupas. Usava-as até que não lhe coubessem mais, pois as amava tanto que não conseguia suportar a ideia de se desfazer delas. Odiava as roupas novas até tê-las usado por algumas semanas. Então, mudava de ideia e passava a amá-las fervorosamente.

– Uma criança isquisita, podi acreditar – Judy costumava dizer, meneando a cabeça grisalha. Por outro lado, teria soltado os cachorros em qualquer pessoa que chamasse Pat de "criança esquisita".

– O que a torna esquisita? – perguntara Sidney certa vez, um tanto beligerantemente. Amava Pat e não gostava que a chamassem de "esquisita".

– Pur certu, um *leprechaun* tocou nela cum um piqueno espinho di rosa nu dia im qui ela nasceu – respondera Judy, misteriosa.

Judy sabia tudo sobre *leprechauns*, *banshees*, *kelpies* d'água e outros seres fantásticos como esses.

– Intão, ela nunca vai podê sê como as outras pessoas. Mas isso num é nada ruim. Ela vai tê coisas qui outras pessoas num podem tê.

– Que coisas? – Sidney estava curioso.

– Ela vai amar pessoas… E coisas… Mais du qui a maioria… E isso vai dá uma grande satisfação pra ela. Mas ela também vai si magoar mais. Assim são os dons qui as criaturas fantásticas dão di presenti, e é priciso aceitá a parti ruim cum a parti boa.

– Se isso foi tudo que esse duende fez por ela, não acho que seja de grande valia – dissera o jovem Sidney em tom desdenhoso.

– Shh! – Judy ficara escandalizada. – Vucê num sabe quem podi tá ouvinu. E eu num falei qui isso foi tudo. Ela vai *vê* coisas. Centenas di bruxas voanu pelos céus à noite em suas vassouras, sobre bosques e torres, cum seus gatus pretus impoleiradus atrás delas. O qui vucê mi diz disso?

– Tia Hazel diz que bruxas não existem, sobretudo na Ilha do Príncipe Edward – retrucara Sidney.

– Si vucê num acredita em coisa nenhuma, qui diversão vai tê nesta vida? – perguntara Judy incontestavelmente. – Talvez nunca apareça uma bruxa na Ilha, mas ainda tem um bucado lá na velha Irlanda. Minha vó era uma.

– *Você* é bruxa? – Sidney ousara questionar. Sempre quisera perguntar isso a Judy.

– Talvez eu seja um pouquinho, mas certamenti num sou uma bruxa pur completu – respondera ela em tom grave.

– E você tem certeza de que o duende cutucou a Pat?

– Certeza? Quem é qui podi tê certeza du qui os seres fantásticos fazem? Talvez seja apenas a mistura di sangue qui torna a minina isquisita. Francês, inglês, irlandês, escocês, quacre… É uma mistura terrível, é o qui digo.

– Mas isso já faz tanto tempo – argumentara Sidney. – Tio Tom diz que somos apenas canadenses agora.

– Oh, não – respondera Judy, muito ofendida. – Si o teu tio Tom intendi mais disso du qui eu, pur qui é qui vucê tá mi enchenu di pergunta? Some já daqui, si num qué durmir di lombo quenti.

– Não acredito que existam bruxas ou duendes – afirmara Sid, apenas para irritá-la ainda mais. Era sempre divertido deixar Judy Plum exasperada.

– Ora essa! Bem, eu cunhecia um homem lá na Irlanda qui dizia a mesma coisa. Bradava a plenos pulmões. Até qui, certa noite, ele incontrou alguns, quandu tava voltanu pra casa a pé dum lugar onde num divia tê ido. Ah, as coisas qui fizeram cum ele!

– O quê? O quê? – indagara Sid, ansioso.

– Num importa. É milhó qui vucê nunca saiba. Ele jamais mais foi o mesmo e passou a ficá di bico fechado sobre o Povo Encantado dipois daquilo, pode acreditá. Só tô acunselhando vucê a tomá um pouco mais di cuidado quantu ao qui diz em voz alta quandu pensa qui tá suzinho, meu rapazinho ousado.

2

Judy estava bordando o tapete no quarto, logo depois da cozinha… Um quarto fascinante, era o que pensavam as crianças de Silver Bush. Não era rebocado. As paredes e o teto eram finalizados com tábuas lisas de madeira, que Judy mantinha lindamente caiadas. A cama era enorme, com um fardo gordo de palha. Judy desprezava as penas, e colchões eram, para ela, uma invenção moderna do Homem Mau Lá Debaixo. As fronhas eram adornadas com crochê em ponto “abacaxi”, e tudo ficava coberto por uma “colcha de autógrafos”, que alguma comunidade local fizera anos antes e Judy comprara.

– É claro qui gosto di ficá deitada lá pur um tempinhu quandu acordo e di lê todos os nomes di pessoas qui ‘tão enterradas dibaixo da terra enquantu eu tô aqui, vivinha da silva – dizia.

Todas as crianças de Silver Bush gostavam de dormir com Judy de vez em quando, até crescerem demais para isso, e ouvir suas histórias sobre as pessoas cujos nomes figuravam na colcha. Velhas fábulas esquecidas… Romances antigos… Judy conhecia todos, ou inventava, se não soubesse. Tinha memória fantástica e dom para as palavras. Suas histórias não eram sempre tão inofensivas assim. Tinha um estoque infinito de lendas de fantasmas e “assassinatos incríveis”, e era de admirar que as crianças não ficassem, de todo, apavoradas. Ficavam, na realidade, deliciosamente arrepiadas. Sabiam que as histórias de Judy eram “mentiras”, mas não importava. Eram mentiras cativantes e interessantes. Judy tinha o hábito maravilhoso de estender a mesma história por noites a fio, parando nos pontos mais empolgantes, com uma destreza que deixaria qualquer escritor de séries de livros com inveja. A preferida de Pat era uma história pavorosa sobre um homem assassinado que fora encontrado em pedacinhos pela casa… Um braço no sótão… A cabeça no porão… Um osso em um pote na copa… “Fico toda arrepiada, Judy, é uma delícia!”

Ao lado da cama, tinha uma mesinha de cabeceira coberta por uma toalhinha de crochê, na qual havia uma almofadinha de agulhas em formato de coração e uma caixa em formato de concha, na qual Judy guardava o primeiro dente e uma mecha de cabelo de todas as crianças. Também havia uma concha de amêijoa da Austrália e um pouquinho de cera de abelha que ela usava para besuntar o fio e que era marcada por incontáveis ruguinhas finas e emaranhadas, como o rosto da velha tia-bisavó Hannah, de Bay Shore. A Bíblia de Judy também ficava ali, um livrinho marrom gordo de *Conhecimento útil* do qual Judy constantemente extraía informações incríveis. Era o único livro que Judy lera na vida. As pessoas, dizia ela, eram muito mais interessantes que os livros.

Havia maços de tanaceto e mil-folhas dependurados por todo o teto, que ficavam gloriosamente assombrosos nas noites de luar. O enorme baú

azul de Judy, que ela trouxera do Velho Mundo trinta anos antes, ficava apoiado na parede, e, quando Judy estava de bom humor, mostrava às crianças as coisas que guardava nele… Uma *mélange* estranha e interessante, pois Judy percorrera o mundo quando jovem. Nascida na Irlanda, "fruíra" a adolescência em nada menos que um "castelo", pelo que as crianças de Silver Bush ouviram, atônitas. Então, fora para a Inglaterra e trabalhara lá até um irmão viajante resolver ir para a Austrália e Judy partir com ele. Como a Austrália não o apeteceu, ele tentou o Canadá na sequência e se instalou, por alguns anos, em uma fazenda na Ilha do Príncipe Edward. Judy foi trabalhar em Silver Bush na época dos avós de Pat e, quando o irmão anunciou a decisão de arredar o pé e partir para Klondike, ela o informou de que ele poderia ir sozinho. Gostava de Silver Bush e amava os Gardiner.

Judy estava em Silver Bush desde então. Estava lá quando "Alec Compridão" Gardiner levara a jovem esposa para casa. Estava lá quando cada uma das crianças nascera. Seu lugar era ali. Era impossível pensar em Silver Bush sem ela. Com seu talento para memorizar histórias e lendas, sabia mais sobre a história da família que qualquer um dos próprios Gardiner.

Judy nunca pensara em se casar.

– Só tive um derriço – contara ela a Pat, certa vez. – Ele fez uma serenata pra mim numa noiti di ventu, e eu derramei uma jarra di cerveja nele. Talvez isso tenha disincorajado o moço. Di toda forma, ele nunca mais voltou.

– Você não ficou triste? – perguntara Pat.

– Nem um pouquinho, meu tesouro. Ele tinha o cérebro di um ganso, afinal di contas.

– Você acha que vai se casar um dia, Judy? – indagara Pat ansiosamente. Seria terrível se Judy se casasse e fosse embora.

– Ora essa, na minha idadi! E grisalha feitu um gatu!

– Quantos anos você tem, Judy Plum?

– Essa num é uma pergunta nada educada, mas vucê é nova dimais pra saber isso. Sou tão velha quantu minha língua e um pouquinho mais velha qui meus dentes. Num preocupa essa tua cabecinha pensanu qui posso mi casá. Casá é um prublema, num casá é um prublema, e prifiro ficá cum os prublemas qui já cunheço.

– Também não vou me casar, Judy – afirmara Pat. – Porque, se me casasse, precisaria ir embora de Silver Bush, e não iria suportar. Vamos ficar aqui para sempre… Eu e Sid… E você vai ficar com a gente, não vai, Judy? E vai me ensinar a fazer queijo.

– Ora, ora, queijo, é? As fábricas é qui fazem tudo o queijo, hoje im dia. Num ixiste uma única fazenda na Ilha, além di Silver Bush, qui ainda faça. E achu qui este vai sê o último verão qui vou fazer.

– Oh, Judy Plum, você *não pode* parar de fazer queijo. Precisa continuar para sempre. *Por favor*, Judy Plum?

– Bem, talvez eu faça um ou dois pra família – aquiescera Judy. – Teu pai vive mesmo dizenu qui o das fábricas num tem o mesmo sabor du qui é feito im casa. Como poderia, num é? Administradas pelo ministru! O qui é qui o ministru intende di queijo? Ora, ora, quantas mudanças aconteceram desde qui eu vim pra Ilha!

– *Odeio* mudanças – gritara Pat, quase aos prantos.

Pensar que Judy nunca mais faria queijo fora algo terrível. A misteriosa mistura de algo que ela chamava de "coalho"… O belo requeijão branco na manhã seguinte… Despejar tudo nas formas… Armazená-las sob a antiga "prensa" perto do celeiro-igreja, com a grande rocha cinza pesando em cima. Depois, a longa espera pela secagem e o amadurecimento das enormes luas douradas no ático… Todas grandes, à exceção de uma pequenininha feita em especial para Pat. Pat sabia que todos em North Glen achavam os Gardiner muito antiquados por ainda fazerem o próprio queijo, mas quem se importava? Tapetes bordados à mão também eram antiquados, mas visitantes e turistas do verão enlouqueciam ao vê-los e comprariam tudo que Judy Plum tivesse feito. Mas Judy jamais venderia. Eram para uso exclusivo na casa de Silver Bush.

3

Judy bordava enlouquecidamente, tentando terminar sua rosa antes do "escurecer", como sempre chamava os crepúsculos da manhã e da noite. Pat gostava disso. Parecia-lhe adorável e estranho. Estava sentada em um banquinho no patamar da escadaria da cozinha, bem diante da porta aberta de Judy, com os cotovelos apoiados nos joelhos magros, o queixo quadrado encaixado nas mãos. O rostinho risonho, que sempre parecia estar rindo, mesmo quando estava triste, brava ou adoentada, ficava branco como marfim no inverno, mas já estava começando a corar com o sol do verão. Os cabelos eram castanho-avermelhados e lisos… E compridos. Ninguém em Silver Bush, exceto tia Hazel, ousava ter cabelos curtos. Judy causara tanto alvoroço que a mãe de Pat e Winnie não se aventurava a cortar as madeixas das garotas. O engraçado era que a própria Judy tinha cabelos curtos, que estavam no auge da moda que ela tanto desprezava. Judy sempre usara os cabelos grisalhos curtos. Alegava não ter tempo a perder com grampos.

Cavalheiro Tom sentou-se ao lado de Pat, no degrau do patamar que levava ao quarto de Judy, piscando para ela com os olhos verdes insolentes, cuja mera expressão teria feito Judy defendê-lo com unhas e dentes. Um gato grande e magricelo, que parecia esconder diversos problemas secretos; continuamente magro, apesar dos mimos de Judy; um gato preto… "O gatu mais pretu qui eu já vi na vida", segundo ela. Durante um tempo, ele permaneceu sem nome. Judy achava que dava azar dar nome a um bicho que tinha apenas "aparecido". Quem sabia quem eles poderiam acabar ofendendo? Então, por um tempo, o bichano foi apenas chamado de Gato da Judy, com iniciais maiúsculas, até que um dia Sid se referiu a ele como "Cavalheiro Tom", e Cavalheiro Tom ele passou a ser daquele dia em diante, pois até mesmo Judy se rendeu. Pat gostava de todos os gatos, mas a afeição por Cavalheiro Tom era moderada pelo respeito. Aparentemente, ele surgira de lugar nenhum, sem ter sequer nascido

como outros gatinhos, e se apegou a Judy. Dormia ao pé de sua cama, caminhava ao seu lado, com o rabo eriçado, aonde quer que ela fosse, e nunca o ouviram ronronar. Não se podia dizer que era um gato sociável. Até mesmo Judy, que não permitia que encontrassem defeitos nele, admitia que era "um tanto seletivo quanto àqueles com quem conversava".

– Pur certu, num si podi dizê qui ele é um gatu falador, mas é uma ótima companhia, à sua maneira – defendia ela.